

VIOLÊNCIA COTIDIANA: A VIDEOARTE COMO MEIO DE DISCUSSÃO DA OPRESSÃO AO FEMININO

ANNA PAULA RODRIGUES DA ROSA
annarodrigues.rosa@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/6180114943273081>

DIÊNIFER MORGANA SCHMITT
dienschmitt@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/5089458070147033>

LURDI BLAUTH
lurdiblauth@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/2617246885619168>

RESUMO

O presente artigo aborda questões geradas a partir da produção de uma série de três trabalhos em videoarte com viés feminista, realizados durante uma etapa da pesquisa em Arte e Tecnologia da Universidade Feevale. Tendo como tema central aspectos sociais e culturais que englobam o feminino dentro da contemporaneidade ocidental, são problematizados tópicos relacionados a violência cotidiana, tanto física quanto emocional. Nesse processo, são utilizados recursos sonoros e visuais, propondo aproximações com o trabalho plástico de Beth Moysés e com os textos de teóricos como Michael Rush e do Coletivo feminista Não Me Kahlo.

Palavras-chave: Videoarte. Feminismo. Violência cotidiana. Mulher.

INTRODUÇÃO

O presente estudo discute aspectos sociais e culturais que englobam o feminino na contemporaneidade ocidental, abordando, por meio da produção de três trabalhos em videoarte, a violência cotidiana que incide sobre a mulher.

O termo “vídeo” provém do tronco linguístico latino, e tem como significado original o ato de “ver”. Atualmente, o termo é utilizado para designar imagens eletrônicas na forma de linhas sucessivas de retículas luminosas para monitores e outros aparelhos

eletrônicos do gênero. O vídeo é um meio de expressão intensamente pessoal, e permite uma ampla escala de possibilidades de expressão (RUSH, 2006), e os trabalhos aqui comentados foram criados por esse meio de produção.

O artigo apresenta uma reflexão sobre as produções artísticas realizadas no ano de 2017 no projeto de aperfeiçoamento científico em “Arte e tecnologia: interfaces híbridas da imagem entre mediações e remediações” da Universidade Feevale, que investiga possibilidades de intersecção de meios artísticos tradicionais e digitais, liderado pela Prof.^a. Dr.^a. Lurdi Blauth. As pesquisadoras/artistas realizaram o trabalho prático por intermédio de vídeos capturados de forma digital e editados posteriormente no *software Adobe Premiere*.

Utilizando-se de experiências pessoais das autoras e de observações do meio culturalmente machista e patriarcal no qual estão inseridas, as produções artísticas apresentadas em vídeo retratam violências cotidianas sofridas pelo gênero feminino. Intitulam-se de atos de “violência cotidiana” ações que, de alguma forma, perturbam ou afetam a rotina de uma mulher, e esses atos consistem em violência física, emocional, cultural e social.

Ao realizar produções práticas e teóricas, busca-se refletir sobre a mulher na sociedade contemporânea ocidental, principalmente às ações chamadas de violência cotidiana, criadas a partir da cultura vigente em relação ao gênero feminino na sociedade. Além disso, objetiva-se realizar aproximações com o trabalho plástico de Beth Moysés, cujo enfoque é a violência; articular pensamentos de autoras teóricas que trazem o feminismo como ponto de discussão, no livro do coletivo *Não me Kahlo* intitulado *#MeuAmigoSecreto: feminismo além das redes* (2016) e buscar definições e estudos sobre a videoarte a partir de Michael Rush (2006). Após contextualizar o estudo, propõe-se interligar teoria e prática sobre a chamada violência cotidiana sofrida pela mulher na sociedade.

Embora esta pesquisa aborde um tema de importância pessoal para as autoras, não se pode ignorar a amplitude do contexto no qual a pesquisa está inserida. Os discursos sobre o feminino e a violência ao gênero não são recentes, mas se encontram em voga no atual momento, com o crescente surgimento de coletivos, *blogs*, páginas em

redes sociais e grupos feministas (BELLO, 2015). Ou seja, além da importância social de discutir o tema tratado neste estudo, constata-se que o mesmo se mantém atual e de vital importância.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O FEMINISMO E A VIDEOARTE

Os primeiros escritos considerados feministas¹ são datados no final do século XVIII, quando ativistas, como Mary Wollstonecraft², denunciaram a falta de cidadania feminina na época. Seus textos traziam temas como a igualdade de direitos à educação, ao voto e à propriedade privada.

Mas foi apenas no século XIX quando, como consequência da Revolução Industrial, as mulheres passaram a participar efetivamente do trabalho produtor em indústrias, que essas reivindicações – antes apenas teóricas – fossem novamente tensionadas, gerando o evento que seria conhecido como Primeira Onda do Feminismo. Foi nesse período que surgiram reivindicações de mulheres ao voto e à vida pública, na Inglaterra, através de manifestantes conhecidas como as sufragistas (BEAUVOIR, 1970).

No início da década de 1960, no período pós Segunda Guerra, em uma época de efervescência social e cultural e da construção do pensamento libertário, iniciou-se o movimento que seria conhecido como Segunda Onda do Feminismo, que foi uma espécie de continuação do que havia acontecido no início do século XX, com “a luta pela valorização do trabalho da mulher, pelo direito ao prazer e contra a violência sexual”. (RIBEIRO, 2016, p. 10).

Nesse período histórico, também, as artistas passaram a questionar suas vivências enquanto mulheres por meio de suas obras. Segundo Maristela Ribeiro (2006),

¹ O adjetivo “feminista” foi utilizado pela primeira vez em 1872 pelo jornalista francês Alexandre Dumas Filho, como forma de menosprezar homens que apoiavam a causa de mulheres que buscavam a ampliação de seus direitos civis. Depois das sufragistas, o termo perdeu a conotação satírica e passou a determinar o movimento social e político que tem por objetivo a libertação feminina da opressão, dominação e exploração por parte do patriarcado, relacionando-o com a justiça social, a união coletiva das mulheres na defesa dos seus direitos e na organização social do poder feminino (PAN, 2014).

² Mary Wollstonecraft (1759-1797) foi uma intelectual libertária, escritora e militante, que defendia os direitos abolicionistas e das mulheres. Sua obra-prima, *Reivindicação dos direitos da mulher* (1792), é considerada como uma das peças inaugurais da literatura feminista (MORAES, 2016).

o fazer artístico buscou a valorização da expressão feminina em suas produções e, como consequência, as mulheres incorporavam a seus trabalhos diversos materiais do dito “universo feminino” – como cosméticos, absorventes e roupas íntimas – para desafiar os poderes institucionais.

A partir da necessidade de rompimento de paradigmas que alguns artistas tinham, manifestaram-se, também na década de 1960, os primeiros experimentos na área do vídeo. Como experimentação, meio de produção de crítica e antítese aos meios de comunicação de massa, surgiu a videoarte. Com suas possibilidades praticamente infinitas e uma relativamente alta acessibilidade, a videoarte tornou-se popular entre os jovens artistas, já acostumados com as mídias e as tecnologias.

Seja por meio de narrativas, experimentações formais, teipes humorísticos curtos ou mediações em grande escala, a videoarte, no final do século XX, assumiu uma posição de legitimidade, até mesmo de proeminência, no mundo da arte, que pouquíssimos consideravam possível mesmo nos anos 80. (RUSH, 2006. p. 128).

A videoarte tem sido explorada por artistas mulheres feministas desde seu surgimento nos anos 60 até hoje, na contemporaneidade, como meio de debater assuntos que permeiam os dilemas femininos, como forma de questionar a imagem e o papel social da mulher na sociedade e os estereótipos do comportamento feminino, discutindo temas da violência e opressão, entre outros.

2. AS VIOLÊNCIAS COTIDIANAS REPRESENTADAS POR MEIO DA VIDEOARTE

Os três vídeos realizados durante a pesquisa foram intitulados *Moldada*, *Sorria* e *Ciclo*, de 2017 (Figura 1).

No vídeo *Moldada*, ataduras são enroladas em um corpo feminino de forma obsessiva, quase compulsiva, deformando-o. O corpo da mulher, então, é apresentado como um lugar de violência, preso ao abuso estético que o estimula à transformação em prol de um ideal de beleza inalcançável. As ataduras fazem alusão a uma ferramenta de

agressão ao corpo que não se enquadra no modelo desejado; e o movimento de atar o tecido é repetido diversas vezes reforçando essa obsessão.

Já em *Sorria*, os rostos de duas mulheres são filmados enquanto frases de cunho sexista, como “não seja uma vadia!” e “tá na hora de casar, hein?”, são projetadas sobre suas feições. Busca-se expressar um cenário recorrente de alegrias e cotidianos podados, de sorrisos desmanchados por uma cultura machista que impõe um comportamento dócil por parte das mulheres perante qualquer situação.

O trabalho *Ciclo* traz em sua narrativa um relacionamento abusivo. Isso está representado por meio do rosto feminino e a mão masculina que os acaricia e agride. O vídeo tem um início agradável, romântico, que se modifica gradualmente até se tornar agressão. Ao final do processo, porém, a mão masculina retoma o carinho como forma de perdão e renovação da relação, iniciando então outro ciclo.

Figura 1. Anna Rosa e Diênifer Schmitt. *Atada; Sorria e Ciclo*. 2017. Still de vídeo



Fonte: Arquivo das autoras

Conceitualmente, os vídeos realizados durante a pesquisa dialogam com a performance de Beth Moysés³ chamada de *Removing Pain*, que utiliza elementos como a maquiagem, vestidos brancos, lenços e arroz como símbolos para contar uma história de violência ao gênero feminino, de maneira intimista, metafórica e melancólica. Para a ação performática, todas as mulheres participantes foram maquiadas como se tivessem hematomas no corpo. Então,

³ Nascida em 1960, Beth Moysés vive e trabalha em São Paulo, é formada em Artes Plásticas, especializada em Comunicação Visual e tem mestrado em Artes. Seus trabalhos têm como foco, principalmente, questões afetivas, do feminino e da violência (SITE BETH MOYSÉS).

[...] cada mulher tirava do bolso os lenços demaquilantes e limpava delicadamente o rosto da sua companheira, fazendo uma corrente entre elas, até que todos os hematomas desaparecessem. Estes lenços marcados metaforicamente pela dor, foram enterrados por cada uma delas, e a performance terminou com uma grande chuva de arroz, na espera de uma nova colheita. (SALES, 2010).

Quatro tipos de violência são abordados nos três vídeos produzidos pelas pesquisadoras: física, emocional, cultural e social. As violências se somam dentro das narrativas e ajudam a contar histórias reais e cotidianas.

O vídeo *Moldada* manifesta uma violência que, além de social, também é cultural, pois atinge toda a população feminina ocidental, essa submetida ao mito da beleza ideal e do corpo perfeito. Esse ideal de beleza feminina é evanescente, mutável e padronizado, exigindo que mulheres se diminuam, se mutilem e percam sua identidade no processo para alcançá-lo. O corpo feminino converte-se, então, em um “corpo dócil”, expressão foucaultiana, cujas “forças e energias estão habituadas ao controle externo, à sujeição, à transformação e ao aperfeiçoamento”. (BARIONI, 2016, p. 209).

A violência emocional em *Sorria* mostra que a sociedade exige que as mulheres se conservem estáveis, dóceis e sorridentes apesar das dificuldades que a cultura machista que as cercam impõe sobre grande parte da população feminina. “Além de censurá-las, a sociedade se empenha em ensinar formas de agir consideradas mais apropriadas para as moças [...] nós, mulheres, devemos ser cuidadosas com as palavras e ações [...] devemos relevar o que nos incomoda”. (BARIONI, 2016, p. 20). Assim, culturalmente, as mulheres são ensinadas a se manter invisíveis, não manifestando seu descontentamento com sua situação.

Já no vídeo *Ciclo* a violência emocional e física se mesclam na narrativa de um relacionamento abusivo. Segundo dados do Mapa da Violência 2015⁴, a maior parte das mulheres vítimas de homicídio, no Brasil, é morta por homens que fazem parte de sua vida: maridos, parceiros, irmãos. A violência não é desconhecida, ela é familiar. Sobre o relacionamento abusivo, Antonia Henderson afirma que

⁴ WAISELFISZ, 2015.

Conforme o trauma inicial diminui, o vínculo traumático emerge como um aumento dos focos nos “bons momentos” do relacionamento [...]. Essa mudança altera sua memória dos episódios abusivos passados e distorce sua percepção da probabilidade de ocorrerem abusos futuros. (apud BARIONI, 2016, p. 188).

Assim sendo, o vídeo relaciona-se com a fala de Henderson, trazendo à tona a questão dos ciclos característicos de relacionamentos abusivos, que vão do carinho à agressividade, sucessivamente, com a violência física e emocional sendo constantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em questão parte de explorações artísticas realizadas durante a pesquisa em arte e tecnologia da Universidade Feevale, durante o ano de 2017, explorando a violência cotidiana ao gênero feminino.

Analisando o procedimento realizado e o material resultante da pesquisa prática e teórica, considera-se discussões sobre o feminino e a violência contra o gênero, na sociedade ocidental atual, como sendo de extrema importância. Embora o tema seja recorrente e as críticas ao machismo impregnado na sociedade não sejam recentes – como visto ao longo do texto, os primeiros escritos feministas datam do século XVIII – o assunto se mantém atual, e sua relevância não pode ser ignorada.

Ao produzir vídeos sobre o tema das violências cotidianas contra a mulher, reforça-se a necessidade de se discutir mais as questões exploradas na produção artística e neste artigo, que revisita não apenas as questões relativas ao feminino como, também, da videoarte e suas possibilidades enquanto meio de expressão artístico.

O presente artigo traz uma parcela de um estudo ainda em processo, o qual busca apresentar ramificações e desdobramentos em videoarte com uma série de trabalhos que explora a temática do feminino, com enfoque nas ditas violências cotidianas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARIONI, Paola et al. **#MeuAmigoSecreto**: feminismo além das redes. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BELLO, Luíse. **Uma primavera sem fim**. Think Olga, 2015. Disponível em: < <http://thinkolga.com/2015/12/18/uma-primavera-sem-fim/> >. Acesso em: 6 maio 2016.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Prefácio. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos Direitos da Mulher**. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 7-16.

MOYSÉS, Beth. **Biografia**. Disponível em: < <http://bethmoyses.com.br/site/> >. Acesso em: jul. 2017.

PAN, Montserrat Barba. **O que é feminismo?** Tradução de Beth Ferreira. Disponível em: < http://feminismo.org.br/web/wp-content/uploads/2014/10/O-que%C3%A9-feminismo_Montserrat-Barba-Pan.pdf >. Acesso em: set. 2016.

RIBEIRO, Djamila. Prefácio. In: BARIONI, Paola et al. **#MeuAmigoSecreto**: feminismo além das redes. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016. p. 9-12.

RIBEIRO, Maristela. **Fendas e frestas**: a mulher, da contemplação à interlocução. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2006.

RUSH, Michael. **Novas mídias na arte contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SALES, Marília. **Beth Moyses**. São Paulo, 2010. Disponível em: < <http://www.canalcontemporaneo.art.br/quebra/archives/003564.html> >. Acesso em: jul.2017.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015**: homicídio de mulheres no Brasil. 1. ed. Brasília, 2015. Disponível em: < <http://www.mapadaviolencia.org.br/> >. Acesso em: jul. 2017

SOBRE AS AUTORAS:

ANNA PAULA RODRIGUES DA ROSA

Bacharela em Artes Visuais pela Universidade Feevale (2016). Artista visual. Membro dos coletivos Mariposa e Projeto Circular. Bolsista na pesquisa Arte e Tecnologia.

DIÊNIFER MORGANA SCHMITT

Bacharela em Artes Visuais pela Universidade Feevale (2016). Artista visual. Editora de vídeo. Membro dos coletivos Mariposa e Projeto Circular. Bolsista na pesquisa Arte e Tecnologia.

LURDI BLAUTH

Doutora em Artes Visuais pela UFRGS (2005) com doutorado sanduíche pela Université Paris I, Panthéon-Sorbonne (2003). Artista visual. Professora nos cursos de Artes Visuais, Design Gráfico e PPG em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. Líder da pesquisa Arte e Tecnologia.